

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

39, Rua' do Jardim do Regedor, 41

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO : — Cesar Thomson — O Orgão — Guilherme Ribeiro — Theatro de S. Carlos — Concertos — Galeria Lyrica : Fernando De Lucia — Noticiario — Notas soltas

CEZAR THOMSON

Agora que o illustre violinista está obtendo um exito collossal em Bruxellas com a sua admiravel serie de *Concertos historicos* é occasião azada para dizermos algumas palavras ácerca d'esse eminente artista para quem estão voltadas todas as atenções do mundo musical n'um pequeno paiz, tão prospero de tradições gloriosas e tão nobre pelas aspirações artisticas de que justamente se orgulha.

De mãe belga e pae sueco de origem, nasceu o grande violinista em uma modesta cidade da Belgica (Liège), em 18 de março de 1857. Foi triste e curta a sua juventude ; a fortuna teimava em não querer bater á porta da pobre familia e na misera casa não entrava nem o sol nem a alegria.

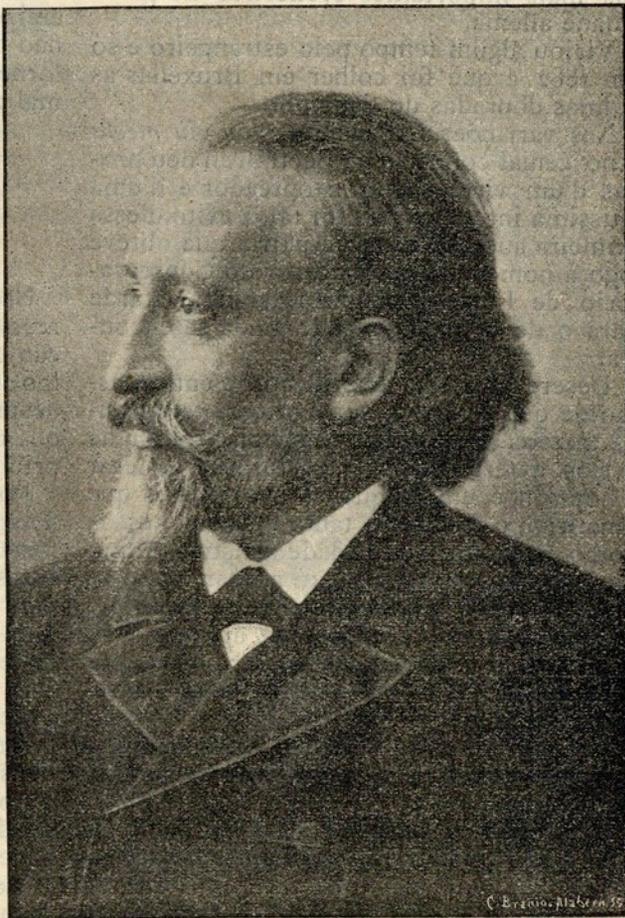
Quebravam a monotonia d'esse triste viver as singellas melodias que o pequeno Cesar tirava de um minusculo violino que lhe tinham dado e que era o seu enlevo

Aos 8 annos entrava no Conservatorio de Liège, e sob a acertada direcção de Jacques Dupuis foram rapidos os progressos. Ao cabo de poucos mezes a pallida e extraordinaria creança subia ao estrado, ao lado do mestre, e tomava parte no seu primeiro concurso com um exito que maravilhou a todos ; foi com o rosto illuminado por uma chamma inquietadora que recebeu das mãos do jury o premio que lhe destinaram.

Aos 11 annos e meio, em 1869, uma me-

dalha de ouro sellava os seus successos de escola ; tinha terminado os seus estudos sob a proficiente direcção de Leonard, que succedera a Jacques Dupuis e que se interessava sobremaneira pelo talentoso discipulo. Com elle começou a trabalhar a musica de camara e fez rapidos progressos.

Algun tempo depois um acaso feliz levou-o para Italia, para a encantadora Lu-



gano, onde o esperava o seu primeiro contracto artistico.

O barão Von der Wies, rico Mecenas que

tinha pela musica e pelos musicos uma especial predilecção, organisára uma excellente orchestra, confiara a direcção d'ella a um musico distincto, Karl Müller-Verghaus, e constando-lhe que o joven Thomson era um dos discipulos dilectos de Leonard e luctava com difficuldades para encetar honrosamente a sua carreira, não hesitou um instante em tomal-o sob a sua protecção.

O barão habitava em Nice, alternadamente com Lugano e comprazia-se em organisar concertos de beneficencia, ora n'um ora n'outro ponto; na sua escolhida cohorte, Cesar Thomson era dos que mais aproveitava tanto na instrucção litteraria e scientifica, a que se dedicára com amor, como muito principalmente no aperfeiçoamento das suas notaveis aptidões artisticas, que não descurava um momento.

Começou o seu nome a adquirir notoriedade quando alguns annos depois obteve em Berlim a nomeação de *Konzermeister* d'uma das mais importantes orchestras d'aquella cidade allemã.

Viajou algum tempo pelo estrangeiro e só em 1882 é que foi colher em Bruxellas as palmas douradas do triumpho.

Nas variações de Paganini, *Non più mesta* e no genial concerto de Beethoven deu provas d'um virtuosismo estonteador e d'uma altissima intelligencia; foi tal o exito d'essa primeira audição na ter. a patria que obteve logo a nomeação de professor do Conservatorio de Liège, transferindo-se mais tarde para o de Bruxellas, onde ainda se encontra.

Descrever-lhes a admiração e o entusiasmo de que é alvo na sua cathedra este grande mestre, é empreza não facil. Apesar de certas exterioridades algo bruscas, Cesar Thomson é um d'aquelles professores que fanatisam o discipulo, tanto pela sua pessoa como pela sua auctoridade artistica. Minucioso o mais possivel, tem apesar d'isso as mais elevadas faculdades syntheticas e um alto espirito de critica e de analyse. Não abandona o arco emquanto lecciona e por essa fórma junta constantemente ao conselho, o exemplo.

O seu methodo d'ensino conquistou a absoluta realeza e pôde resumir-se nas seguintes palavras:

Conseguir o maximo da intensidade do som e da expressão com a minima força possível.

Como *virtuose* é tambem extraordinario e só ouvindo-o se pôde acceitar que as mais arduas difficuldades do violino sejam tão serenamente vencidas, graças ao mais prodigioso mecanismo que se pôde imaginar.

Cesar Thomson tem numerosas composi-

ções que, ao que parece, não está muito resolvido a publicar. Tortura-o o sentimento da perfectibilidade e o que produz deixa-o geralmente tão pouco contente que se julga incapaz de lhe dar, n'um determinado momento, a fórma definitiva.

Apontam-se entre os seus ineditos mais notaveis, uma *Berceuse* em que o atavismo scandinavo se revela de uma fórma extremamente curiosa, uma collecção de *Estudos*, diversas *Variações* sobre Paganini, uma *Passacaglia* sobre um thema de Haëndel, um *Concerto* e numerosas *Cadencias* que enriqueceriam grandemente a já tão vasta litteratura do violino se fossem publicadas.

Desejariamos tambem n'este rapido esquisso apontar os seus principaes discipulos, que esses são as suas obras predilectas, aquellas que elle não occulta e que constituem o seu impercível titulo de gloria.

Mas esta noticia já vae demasiado longa e limitar-nos-hemos a agradecer a um d'elles, e não decerto dos menos distinctos, o nosso amigo Cecil Mackee, a gentileza e promptidão com que quiz acceder ao nosso pedido, fornecendo-nos os apontamentos para estas mal engendradas linhas.

L.

O ORGÃO

Não se preocupam geralmente muito os musicos praticos com a historia e construcção dos instrumentos sonoros e levam mesmo muitas vezes a negligencia a ponto de desprezar por completo as theorias e leis que mais directamente prendem com o proprio instrumento a que se tenham dedicado.

Por outro lado as noticias que se referem a este interessante assumpto andam por tal fórma disseminadas em obras, ás vezes custosas ou raras, que se torna difficil, mesmo para o estudioso, concretisar a materia util que convem trabalhar especialmente e que se encontra espalhada, aqui e acolá, entre mil detalhes e prolixidades de pouco alcance.

Ora é justamente esse trabalho de condensação que nos propomos a fazer, melhor ou peor, mas em todo o caso com o intuito de divulgar em genero de estudo e tornal-o accessivel a toda a gente.

Na serie de monographias que successivamente iremos apresentando daremos, como é natural, o primeiro logar ao Orgão, a essa maravilhosa machina sonora, que com tanta propriedade se chama o Rei dos instrumentos.

Pela nobreza e antiguidade da sua genea-

logia, pela grandiosidade dos seus efeitos e dos seus recursos, pelo auxilio por elle prestado á propaganda das idéas religiosas e até pelo complicado da sua construcção é este magestoso instrumento, sem duvida o que mais se impõe á attenção do musico e do estudioso.

A historia do orgão anda por tal fórma ligada á tradiçãõ de todos os povos da antiguidade e remonta a épocas tão longiquas que se torna impossivel assignar-lhe a origem e determinar seja o que fôr de positivo ácerca da sua invenção.

O proprio nome *organum*, *organa* em latim, *organon* em grego que os antigos historiadores citam a cada passo tem dado logar ás maiores controversias e confusões.

Effectivamente aquelle vocabulo não significava na antiguidade cousa alguma de definido e só pouco a pouco é que se foi restringindo exclusivamente aos *instrumentos musicos*.

E' nesta accepção que o nosso grande Camões traduziu de uma paraphrase ao psalmo 136 :

*Os orgãos nos salgueiros penduramos
Em outro tempo bem de nós tocados*

O sentido da palavra foi-se restringindo cada vez mais e hoje applica-se unicamente ao grandioso instrumento de que nos estamos occupando. ¹

Diz-nos o bom senso que a flauta dos pastores de que falla Virgilio na sua 2.^a ecloga, a *flauta de Pan* ou *syrinx* não foi extranha á invenção do Orgão. A *flauta de Pan* compõe-se de uma série de tubos de desigual comprimento, collocados a par e dando cada um uma nota differente, por meio do sopro humano.

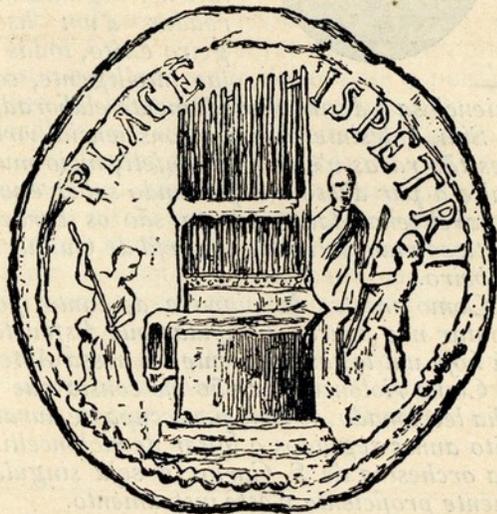
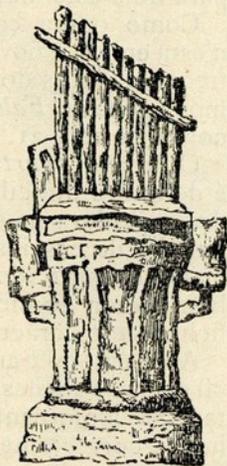
A applicação de um tosco reservatorio de ar, semelhante aos da *cornamusa* ou *gaita de folles* á grosseira e primitiva *flauta de Pan* não daria a idéa primeira da construcção do Orgão? Uma certa medalha de Nero que alguns citam e em que esses dois instrumentos estão associados, dá-nos a entender que deve ter sido realmente esse o pri-

meiro passo para a fabricaçãõ do poderoso instrumento.

Parece que foram os *Orgãos hydraulicos* os primeiros que se construíram; eram, como o nome o diz, movidos pela agua mas ignora-se porque processos. Como aperfeiçoamento natural, foram esses instrumentos substituidos pelo *Orgão pneumatico*, isto é, accionado pela compressão do ar e é n'essa base que ficou definitivamente assentando, até aos nossos dias, a construcção do instrumento.

Foi lentissima, de seculos, a elaboraçãõ dos multiplicados melhoramentos que vieram substituir ao grosseiro orgão representado na nossa primeira gravura, o magestoso instrumento que todos conhecemos e que se ostenta solememente nas mais grandiosas cathedraes do mundo christão.

O que mais preocupava os antigos era a distribuiçãõ do vento; para fazer trabalhar os folles do orgão de Winchester, construido em 951, eram precisos nada menos de 70 homens vigorosos e o organista só *a murro* é que conseguia fazer mover as enormes telas d'esse monstruoso instrumento.



A segunda gravura representa um Orgão tambem muito grosseiro, mas relativamente mais moderno, pois que a medalha em questãõ é considerada como obra do Baixo Imperio, no seculo XII.

Os orgãos de pequenas dimensões eram tambem muito usados n'essa remota antiguidade.

Havia-os de varias especies, nomes e fórmas, sendo o mais importante de todos o *Positivum*, que, ao que parece, foi dos primeiros adoptados para o serviço dos templos.

¹ O orgão de sala ou *Orgão expressivo* é impropriamente conhecido por este nome. A sua verdadeira designação é de *Harmonium*.

Tinha tubos relativamente longos e o som não era tão desagradavel que Monteverde desdenhasse de o empregar na orchestra da sua opera *Euridice* em 1607.

(Continúa).

LAMBERTINI.

GALERIA DOS NOSSOS

GUILHERME RIBEIRO



ENTRE os que mais tenazmente se tem dedicado á musica no nosso paiz, figura decerto o nome d'este distincto e modestissimo professor.

Contar-lhe a vida seria contar uma serie não interrompida de esforços e de tentativas, algumas coroadas d'um lisongeiro exito, todas ellas intelligente, conscienciosa e desinteressadamente elaboradas.

Sim, o desinteresse e a consciencia, virtudes tão raras n'este nosso infeliz meio musical e a par d'isso um profundo saber e uma notavel tenacidade na lucta, são os caracteristicos mais salientes do perfil de Guilherme Ribeiro.

Como mestre de piano e de canto, pôde contar não poucas discipulas que disfructam já hoje um logar eminente na nossa Arte.

Como violoncellista não me consta que tenha leccionado, se bem que occupasse durante oito annos seguidos o logar de violoncellista da orchestra de S. Carlos e seja singularmente proficiente n'este instrumento.

Como director e organisador de orpheons e massas choraes, tem sido, se pôde dizer, o unico que nunca abandonou a idéa de introduzir esse genero de musica no nosso meio, trabalhando para isso incessantemente, e sacrificando nessa bella iniciativa não só os interesses materiaes mas até a propria saude.

Prestando-lhe esta pequena homenagem, saudo esse infatigavel trabalhador e faço votos para que a semente que com tão profusa mão tem distribuido, possa fructificar em breve e cobril-o de gloria.

SCHAUNARD.

THEATRO DE S. CARLOS

Pouco, bem pouco temos a dizer a respeito de S. Carlos, porque durante estes ultimos dias foi cantado o *Orpheu* em 14, a *Fedora* em 15, 17 e 19, hontem a *Sapho* e para hoje está annunciado o *Rigoletto*.

Como opera cantada pela primeira vez n'esta epoca, e nova para muitos dos actuaes frequentadores do nosso theatro lyrico, temos apenas o *Falstaff*, de Verdi, ouvido nas noites de 20 e 21.

O notavel *spartito* do venerando *maestro* é de muito difficil execução e, para que o desempenho seja supportavel, exige grande numero de ensaios. Alem d'isso o protagonista, a cargo do baritono, tem de ser um bom actor comico, que saiba interpretar fielmente o caracter de *Falstaff*.

Ao baritono Sammarco pertenceu o difficil encargo do desempenho da parte de *Falstaff*. Se como cantor em alguns numeros se houve correctamente, como actor deixou no geral bastante a desejar, tendo ainda de mais a mais a compromettel-o o fatal confronto com o baritono Maurel, que em 1894 nos fez conhecer o *Falstaff*.

Do elemento feminino temos a notar as sr.^{as} Parsi e De Roma, que se houveram discretamente.

Digno de todo o applauso foi o baritono De Luca. Regularmente, o comprimario De Gennaro.

A fuga final foi cantada com segurança e bem sublinhada pela orchestra, que n'esta opera tem uma importante missão a desempenhar, de que parece não ter comprehendido toda a responsabilidade.

23 de fevereiro.

ESTEVES LISBOA.

CONCERTOS

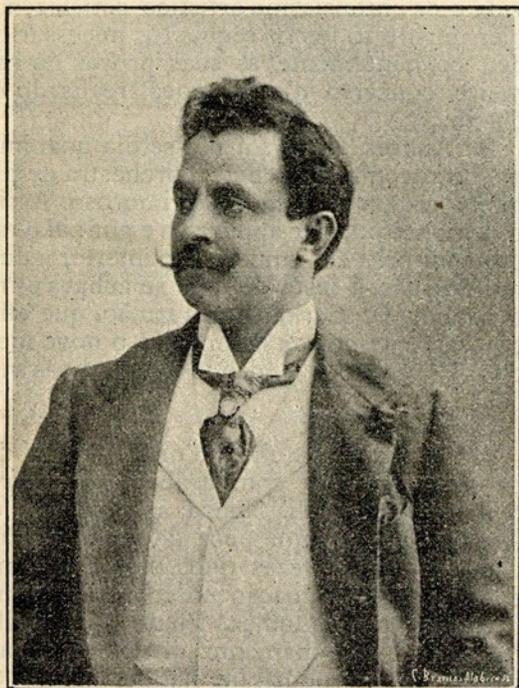
O 3.^o concerto beethoveniano que a 12 do corrente mez se effectuou no Porto teve, como dissemos no numero anterior, um grande exito.

A primeira peça executada, a *Serenata*, op. 8 para trio de cordas, que é uma concepção melodica de grande frescura e elegancia, foi acolhida com bastos applausos.

O *Trio em sol*, o primeiro da op. 9 produziu, ao que dizem os jornaes do Porto, uma viva e profunda impressão no auditorio.

Tanto este trecho como o anterior foram

GALERIA LYRICA



FERNANDO DE LUCIA

Fernando De Lucia, o applaudido tenor, que tanto na *Bohème*, de Puccini, como na *Cavalleria Rusticana* já o anno passado deixou entre os nossos *dilettanti* as mais agradáveis recordações, não podia faltar a tomar parte na **Galeria Lyrica** d'este jornal, por ser um dos mais considerados artistas com que se honra o elenco da actual companhia de S. Carlos.

A *Fedora*, este anno cantada pela primeira vez no nosso theatro lyrico, deve em grande parte ao notavel artista o primoroso desempenho que teve e as extraordinarias ovações, que, principalmente no fim do 2.º acto, se repetiram entusiasticamente em todas as noites em que foi cantada. Nem podia deixar de assim succeder, porque foi inexcedivel de naturalidade e verdade toda a scena que constitue n'este acto o grande duetto com *Fedora*, e que, com tão levantada interpretação, é de molde a entusiasmar os mais indifferentes.

E outro tanto podemos dizer da scena entre *Loris* e *Fedora*, no 3.º acto, quando esta procura obter do amante o perdão da que foi causa da morte da mãe e do irmão, acabando por se lhe confessar criminosa.

De Lucia, pelo seu talento e pela surpreendente facilidade com que a sua voz corresponde aos mais variados sentimentos da sua alma impressionavel, é hoje um dos tenores mais altamente cotados e que melhor tem sabido dominar as plateias. A sua voz, d'um timbre varonil, presta-se admiravelmente a todos os cambiantes de colorido; perfeitamente empastada, trabalhada com esmero e cuidado, permite ao celebre artista uma dicção clara e correcta, o que constitue sempre uma qualidade apreciavel.

Actor de subido quilate e cantor intelligente, De Lucia sabe, como poucos, impor-se, insinuar-se e electrizar o auditorio, fazendo-lhe vibrar a nota sensivel. D'aqui, os entusiasticos e calorosos applausos, as ovações, que se contam pelo numero de noites em que se faz ouvir.

executados pelos srs. Moreira de Sá (violino), Henrique Carneiro (violeta) e D. Guilhermina Suggia (violoncello).

Fechou o concerto com o *Trio* op. 11, para piano, violino e violoncello, pela sr.ª D. Armanda Dubini, Moreira de Sá e D. Guilhermina Suggia.

Os programmas tanto d'este como dos outros concertos beethovenianos são illustrados com umas interessantissimas notas devidas á penna do erudito professor Moreira de Sá.

*

Ha alguns annos, em 1895 se bem nos lembra, uma joven e sympathica violinista,

America Montenegro, dava em S. Carlos uma série de concertos e fazia-se admirar por qualidades apreciaveis de tocadora, uma boa escola de mecanismo e grande elegancia no manejo do arco.

Hoje reaparece-nos no Porto, transformada em *Madame Gaos*, pois que esse é o nome de um violinista distincto a quem se uniu pelo casamento.

A noticia que os jornaes nos dão de um concerto por elles organizado e que se effectuou a 16 d'este mez no *Orpheon Portuense*, mostra que os esposos *Gaos* encontraram no publico portuense o mais lisongeiro acolhimento.

Do nosso conceituado collega, o *Primeiro de Janeiro*, pedimos venia para transcrever a apreciação dos dois artistas :

«O violinista Gaos, que ha onze annos se fizera ouvir com applauso n'aquella mesma sala, voltou agora feito um admiravel e delicadissimo artista, na posse de toda a technica e na plena maturação do seu esplendido talento. Qualidade de som delicioso, de uma pureza incomparavel, um lirismo muito nosso, muito peninsular na fórma de dizer, cheio de uma graça melancholica e doce—tudo isso revelou o encantador violinista nos differentes trechos que executou.»

De sua esposa diz a mesma folha :

«America Montenegro de Gaos ouvimos-a tambem aqui, ha bons seis annos, n'um concerto unico realisado na Assembleia portuense. Seis annos de intelligente applicação, de estudo constante volveram a graciosa violinista d'então na artista vigorosa, varonil, na interprete sobria e energica que hoje é. Porque é indiscutivel que, se Andrés Gaos é a graça, America Montenegro (vêde da natureza o desconcerto, como dizia o poeta) é precisamente a força e o vigor, como o mostrou no concerto de Max Bruch, peça d'exame em que poz em evidencia aquellas qualidades.»

No programma figuravam trechos de Svendsen, Wieniawski, Cui, Zarzycki e Ries executados pelo sr. Andrés Gaos e o 1.º Concerto de Max Bruch, uma *Romança* de Ries e as *Arias húngaras* de Nachez, tocadas por Madame Gaos.

Além d'isso prestaram o seu concurso, o sr. Luiz Costa, tocando as *Variações em dó menor* de Beethoven e a sr.ª D. Amelia Pava, com o *Cantique d'amour* de Liszt.

Moreira de Sá prestou-se gentilmente a fazer os acompanhamentos ao piano.

*

Muito felizmente para a nossa pobre e mortíça vida artistica, parece que uma boa fada protege o seu mais importante centro — a Real Academia — animando-a nos momentos de desanimo, deparando-lhe um salvador quando a sua existencia corre perigo, fazendo-a despertar interesse quando a indifferença parece prestes a tudo anniquillar, trazendo-lhe novo elemento de vida quando todos os elementos se mostram abalados.

Julgou-se um golpe mortal a perda do malgrado Victor Hussla; pareceu que a sua falta deixára um vacuo impossivel de preencher, houve quem visse n'esse vacuo o abysmo onde iria desaparecer a Academia.

Não; felizmente.

A memoria do pranteado Hussla não se

apagará, mas a sua falta não fará morrer a Academia.

O seu logar está perfeitamente preenchido.

Um mestre completo, perfeito, cheio de vida e de entusiasmo artistico, satisfazendo plenamente todos os requisitos necessarios, deu brilhantemente as suas provas no primeiro concerto d'esta época, realisado no dia 16.

D. Andrés Goñi foi n'esse dia unanimemente reconhecido chefe d'orchestra de primeira ordem e violinista primoroso. Assim o demonstrou, por applausos e por palavras, um auditorio em numero não inferior a duas mil pessoas, á testa do qual se achava el-rei o senhor D. Carlos e seu irmão, que affectuosamente conversaram com o novo mestre, felicitando-o e dando-lhe as boas vindas.

Bem vindo seja.

A sua prova de chefe d'orchestra foi dada especialmente com a abertura *Cleopatra*, de Mancinelli. Nunca a orchestra da Academia executou peça de tanta difficuldade, e poucas vezes tinha mostrado tanta e tão equal graduação no colorido e tanta perfeição nos detalhes, fructo de trabalho paciente e optimamente dirigido; eguaes provas se reproduziram na *Primavera* de Grieg, no *Minuete* de Bolzoni e na abertura do *Oberon*, esta ultima proficientemente dirigida por D. Fernando de Sousa Coutinho, mas cujos ensaios foram tambem aperfeiçoados por D. Andrés Goñi.

Como provas de violinista, apresentou o novo mestre da Academia o primeiro andamento do concerto de Mendelssohn, o *Nocturno* de Chopin e a phantasia aragoneza de Sarasate. Qualidades essenciaes n'um mestre, todos lhe reconheceram e ninguem lhe contesta: mecanismo triumphante das maiores difficuldades technicas, atacando com inexcedivel firmeza no ponto exacto todas as notas como se tivesse um teclado de baixo dos dedos, por conseguinte afinação perfeita sem duvidas nem oscillações, som puro, maneira séria e correcta. Para dirigir uma escola nada mais é preciso, e essa escola, que tanto honrou a Academia sob a direcção de Hussla, nada decerto perderá da sua preeminencia nem deixará de produzir fructos tão excellentes como até aqui tem produzido.

Ao mestre eminente, que pelo seu caracter lhano e pela sua sinceridade artistica já conquistou cordeaes amizades, repetimos:

Bem vindo! Bem vindo!

No mesmo concerto apresentaram-se duas alumnas do curso superior de piano, D. Ber-

tha Coelho de Campos e D. Esther Coelho de Campos, que executaram com extrema e admiravel correcção as *Variações sobre um thema de Beethoven*, de Saint-Saens.

Bem merecem estas talentosas discipulas da Academia uma especial e demorada menção, assim como o trabalho de seu mestre Hernani Braga.

Mas como todas as atencções se concentraram d'esta vez na estreia de D. Andrés Goñi, preferimos, a collocar as secundariamente, reservar mais completa apreciação para quando sejam tambem ouvidas pelo auditorio com o interesse que lhes é devido mas não lhes foi prestado.

*

No dia 18 tivemos a fortuna de assistir á segunda *matinée* de alumnos que o eximio professor Rey Colaço organisou esta época.

Foram brilhantissimas as provas e se não estivessem de longa data affirmados os elevados credits d'este notavel artista, representariam um incontestavel triumpho que bastaria, só por si, para satisfazer as mais exigentes ambições.

Ouvindo os discipulos de Colaço transvê-se a cada passo a mão genial que os conduziu e admira se a precisão, a pureza de technica, o mimo, o primor da dicção, que constituem outras tantas qualidades do mestre e que, seja dito em boa verdade, alguns dos alumnos apresentados tem conseguido assimilar com raro talento.

Na impossibilidade de fazermos uma analyse detalhada do programma, como desejariamos, limitamo-nos a dar o nome das pessoas que tomam parte n'esta esplendida *matinée* e que foram: Mad.^{elles} Abecassis, Alto Mearim, Folque, Alzina, Sommer, Santos, Fernandes, Mad.^{mes} Tedeschi Placido, Baptista Abreu e os srs. Raul Pereira e Eduardo Burnay.

Especialisar aquelles que n'essa lista se podem já considerar artistas feitos, poderia parecer desanimador para os outros, para aquelles que pela tenra idade ou pelo pouco tempo de estudo, não tenham ainda attingido a perfeição dos primeiros. O que é certo é que a todos e em especial ao notavel mestre, se podem dar, sem sombra de favor, os mais entusiasticos emboras.

Não queremos fechar a noticia sem alludir a um debutante, o sr. Alberto Pinto Leite, que nos fez ouvir uma pequenina mas sympathica voz de baritono, n'um *Lied* allemão que o proprio Rey Colaço acompanhou ao piano.

*

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o 4.^o programma dos Concertos beethovenia-

nos do Porto, que não é nada menos interessante que os anteriores.

O respectivo concerto effectuou-se a 19 e as obras executadas foram o 2.^o e 3.^o *Trios* da op. 9 para arcos e o *Trio em mi bemol* op. 18 para piano, violino e violoncello, arranjado pelo proprio Beethoven do Septuor para instrumentos de sopro e de cordas.

Os executantes foram os mesmos do concerto anterior, menos a pianista que foi d'esta vez a sr.^a D. Virginia Suggia.

Segundo informações colhidas, o exito d'estes bellos concertos tem sido cada vez maior. Esta ultima audição foi acolhida com entusiasticos applausos, causando uma funda impressão o *Thema com variações* do ultimo numero, que foi magistralmente executado.

NOTICIARIO

Do Paiz

Tem tido uma regular acceitação a companhia lyrica que está funcçãoando no theatro de S. João do Porto.

Tem-se cantado nos ultimos dias o Fausto, a Lucrecia, a Cavalleria Rusticana e os Palhaços.

N'esta ultima obra e n'outras do seu repertorio, tem colhido vasta copia de applausos o nosso amigo e distincto baritono portuguez, D. Francisco de Souza Coutinho, cujas aptidões artisticas e pratica da scena se vão accentuando de dia para dia mais.

O prologo da interessante partitura de Leoncavallo é sempre aclamado entusiasticamente, não havendo uma noite em que o sympathico artista não tenha de bisar o final d'este trecho.

*

A nossa conhecida companhia Giovannini está actualmente funcçãoando no theatro Calderon, de Valladolid.

Tendo sido contractada pelo nosso amigo Affonso dos Reis Taveira para dar uma serie de representações no Porto, deverá estreiar-se na cidade invicta a 2 do proximo mez.

No elenco figuram entre muitas outras operas a *Boheme* de Puccini, a *Manon*, a *Carmen* e os *Palhaços*.

E' o theatro de D. Affonso o escolhido para estas representações.

*

Tendo recebido numerosos pedidos dos nossos estimaveis assignantes para nos encarregarmos da encadernação do primeiro anno da «*Arte Musical*», podemos já apresentar-lhes no escriptorio d'esta administra-

ção os dois modelos que estabelecemos e que esperamos mereçam a sua aprovação.

Um é em *toile chagrinée*, com letreiro dourado na pasta e lombada e pôde fornecer-se pelo preço de 700 réis.

O outro, mais luxuoso, é em vitella imitando *cuir de Russie*, com as folhas douradas e custa 1\$500 réis.

*

Está já concluída a impressão do *Anuario Musical* que temos anunciado e de cujo trabalho typographico se desempenhou com o costumeado esmero a casa Castello Branco & Alabern

Temos o maior prazer em offerecer gratuitamente a cada assignante da nossa folha, um exemplar do referido Anuario, bastando para isso requisital-o a esta administração por um simples bilhete postal.

*

Realisaram se na Real Academia de Amadores os seguintes exames :

Rudimentos, sexo masculino : 1.^a parte.— Joaquim Chiquito da Piedade Sequeira, com distincção ; Arthur Pons e Antonio Martins Vianna, plenamente ; David Moraes Sarmiento Junior e José Caetano Pereira Junior, simplesmente.

2.^a parte.— Ernesto Alberto Zenoglio, plenamente ; Antonio Avelino Joyce e Alfredo Mantua, simplesmente.

Rudimentos, sexo feminino : 1.^a parte.— M.^{elle} Céline Vosgien e D. Maria Herminia de Carvalho e Oliveira, distincção ; D. Emilia Alice Pillar da Villa, D. Ilda Perpetua de Sousa Freitas e D. Georgina Vieira Salles, plenamente.

2.^a parte.— D. Rosalina das Dores Faria de Lima, distincção.

Piano : 1.^a parte.— D. Olympia Judith Hamard Lopes, distincção.

Violino (classe de D. Alice Silva). 1.^a parte.— D. Deborah de Sousa e D. Esther Leão Quartin, distincção.

2.^a parte.— D. Camilla Casaes de la Rosa, distincção.

3.^a parte.— D. Joaquina Macedo Russell, distincção.

Do Estrangeiro

Os artistas que desejem organizar concertos ou audições musicaes em Paris, durante a proxima Exposição poderão dispôr de uma vasta sala especialmente construída para o effeito e annexa á classe 17, que será estabelecida proximo da Torre Eiffel.

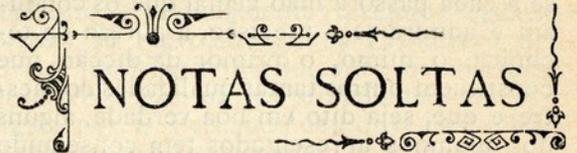
Esta sala onde se buscarão reunir todas as condições de acustica, commodidade e conforto conterà 500 fauteuils e um amplo estrado, onde além do espaço preciso para

accommodar uma orchestra, se verá um magestoso orgão.

Os organisadores de concertos pagarão unicamente os gastos indispensaveis de pessoal e illuminação.

*

Celebra-se no mez de julho em Brooklyn (America) uma « festa nacional dos cantores americanos », para commemorar o 50.^o anniversario da mais importante sociedade orpheonica allemã nos Estados Unidos. Espera-se que se reunam mais de sete mil cantores pertencentes a diversas sociedades de canto. A sociedade promotora da festa concederá dois premios, o primeiro dos quaes consiste n'um grande busto de Wagner e o segundo no busto de Franz Abt, auctor de grande numero de estimadas composições orpheonicas. Tambem o imperador Guilherme offerece um premio especial, consistindo n'um riquissimo centro de mesa, de prata cinzelada, cuja peça principal é uma estatueta de menestrel, com um medalhão na base representando a effigie do imperador. Os desenhos d'este premio foram feitos pelo pintor Doeppler e o trabalho está sendo executado pelo cinzelador Roloff.



Toda a arte — e principalmente a musica — é mais do que u.na exposição de belleza de fórma ; é uma concepção critica da vida, no sentido mais elevado e mais lato.

H. S. Dietrich.

*

Possuir um mecanismo illimitado, impecavel ; pôr este e todo o fogo da alma ao serviço das idéas dos grandes mestres ; imprimir a cada um d'elles o seu estylo proprio — eis o ideal mais elevado do perfeito virtuose, do grande artista.

J. Tragó.

*

Procurae tocar bem e com expressão as peças facéis ; vale mais isso que executar mediocrementemente composições difficeis.

R. Schumann.

*

Tudo o que é feito por imitação é por si mesmo anti-artístico.

M. Jaell.

*

O povo que não alimenta um levantado ideal politico não pôde brilhar na Arte da musica.

T. Breton.